

As relações sociais da criança

na obra de Lygia Bojunga Nunes

Maria Marlene R. da Silva

Mestre em Literatura Brasileira / UnB

Os livros de Lygia Bojunga Nunes, destinados ao público infantil, constituem exemplos de textos que buscam a emancipação da criança diante dos condicionamentos impostos a ela pelos adultos.

Alguns desses textos abordam a questão das relações familiares, como *Angélica, A bolsa amarela, A casa da madrinha, Tchau e Seis vezes Lucas*.

O tratamento que a autora dispensa à temática familiar, ao dessacralizar o papel dos pais, determina o afastamento da índole utilitarista da produção literária tradicional destinada às crianças, permitindo à literatura assumir papel mais relevante enquanto Arte.

A temática em torno da família é observada sob diferentes aspectos nos livros da autora, que vê a família e a escola como agentes privilegiados da opressão institucionalizada que o adulto exerce sobre a criança sob o disfarce de proteção.

Na família de Angélica, por exemplo, a relação entre o pai e os filhos, se dá de maneira hierarquizada, tendo por base o modelo patriarcal representado pela figura incontestável do pai. Para ilustrar a posição autoritária desse chefe de família, Lygia utiliza a metáfora da família reunida em círculo, no qual a opinião de Angélica não é aceita.

Nesse livro, as relações entre pai e filhos só se torna possível se os últimos ajustarem-se às ordens do primeiro, mero repetidor de estruturas ideológicas montadas.

Caso semelhante ocorre em *A bolsa amarela*, obra que discute a falta de integração da criança à família. A constante desaprovação dos pais e irmãos, somada à atitude de distanciamento destes, conduz Raquel à criação de um mundo fantástico (paralelo a sua realidade) que simboliza a repressão em que vive, os desejos que oculta e a identidade que procura. As aventuras vivenciadas pela menina com as

personagens antropomorfizadas representam seu processo de evolução de uma situação totalmente reprimida até a vitória sobre a censura através da liberação de seus três desejos: crescer, ser menino e escrever.

As projeções da personagem principal são apresentadas nas diversas seqüências narrativas. O capítulo intitulado "O galo" reproduz a estrutura patriarcal centrada no macho que pensa e toma decisões pelos demais. A situação do galo Rei metaforiza a perpetuação do sistema cristalizado no qual prepondera a intolerância com o outro, experiência vivida por Raquel junto à família.

O galo Rei, que depois passa a ser chamado Afonso, e o outro galo, Terrível, são caracterizados por problemas semelhantes aos enfrentados por Raquel. Afonso não consegue lutar por uma idéia, porque não tem nenhuma, só lhe resta a fuga, enquanto Terrível, com o pensamento costurado, não consegue raciocinar além do que lhe permitem que pense.

A liberação dos dois galos será feita ao mesmo tempo que Raquel aprende a enfrentar os seus desejos e pensar por conta própria. Sendo que os galos, na narrativa, representam a dominação masculina na estrutura familiar patriarcal, a saída dos dois da bolsa é bastante significativa em termos da liberação de Raquel e assunção de si como mulher¹.

A Guarda-chuva e o Alfinete de fraldas também contribuem para o crescimento interior da heroína. A primeira, enguçada no momento e na história, sem nome e sem identidade, apresenta características similares à situação vivenciada por Raquel. Tais características aborrecem a menina, que passa "de contente pra chateada" (p. 51), porque são o reflexo de sua posição diante da família. No entanto, a Guarda-chuva tem propriedades que ajudam a personagem a pensar de forma diferente, fazendo-a alcançar sua emancipação individual. Raquel deseja crescer e

ser menino, a Guarda-chuva a faz refletir sobre o valor da infância como estágio de desenvolvimento do ser humano para se chegar à plenitude do ser adulto; ao desejar ser mulher, a Guarda-chuva afirma a crescente importância desta na sociedade moderna.

A possibilidade de uma solução que permite a sobrevivência do núcleo familiar é aventada na mesma narrativa quando Raquel vai a uma loja de consertos e se defronta com uma família bastante diferente da sua. Assim, ela descobre que não existe uma única forma de organização familiar e que o trabalho e a interação entre seus membros não são incompatíveis com a alegria e o respeito mútuo. A Casa dos Consertos surge como uma nova ordem possível, que relativiza o modelo herdado de família.

A família de Napoleão Gonçalves é outro exemplo dessa possibilidade de sobrevivência da instituição familiar. Nela, seus integrantes se entendem às mil maravilhas, há incentivo à participação e à reflexão, além do respeito pela opinião individual.

O problema familiar, muitas vezes, mescla-se ao econômico. Alexandre, personagem central de *A casa da madrinha*, se evade da opressiva situação de precariedade econômica em que vivia para buscar um mundo em que pudesse se movimentar com maior segurança.

Assim como Raquel, Alexandre conquista sua maturidade, metaforicamente, através de um caminho longo e difícil, pois além da insegurança e do medo, características de sua psique, ele enfrenta as dificuldades próprias das populações marginalizadas.

A narrativa é construída como uma espécie de viagem de Alexandre, que vai da infância à maturidade, como um rito de passagem. Os recursos da fantasia são amplamente empregados. Alexandre, ao lado de Vera e do Pavão, atravessa o escuro, vence o medo e chega ao seu destino: a casa de sua madrinha. Ao colocar a chave da casa no bolso sente-se preparado para enfrentar a vida.

O escuro é a personificação dos medos de Alexandre. A realidade amedronta quando encerra os problemas do dia-a-dia, a luta pela sobrevivência numa sociedade discriminadora.

No conto "Tchau", do livro de mesmo título, a criança aparece como suporte da estrutura familiar, na qual a relação amorosa entre pai e mãe já não é possível.

É através da visão de Rebeca, a filha, que o leitor toma conhecimento do sofrimento desse

casal cuja relação foi se desgastando com o tempo. Ela testemunha a fraqueza da Mãe diante dessa nova forma de amor que a domina por completo e a fraqueza do Pai que busca o esquecimento na bebida.

Não se observa nestas duas personagens o sinal de prepotência do adulto sobre a criança. Ao contrário, eles parecem buscar na filha o apoio de que necessitam.

A relação pai/filho exposta em "Lá no Mar", também do livro *Tchau*, é ainda de companheirismo, mesmo quando há ordens a cumprir.

Já nos seis capítulos de *Seis vezes Lucas* são narrados vários episódios do cotidiano de Lucas, personagem sob cuja ótica é revelada a fragilidade das relações entre os adultos e, de forma bem enfática, a relação entre seus pais. Lucas, entre as idas e vindas do casal, tenta compreender o seu pequeno universo familiar: as mentiras e as constantes traições do Pai, a complacência da Mãe diante do comportamento do marido e a ingenuidade da professora Lenor que acredita nas mentiras do pai, tornando-se amante deste.

Lucas tudo observa e tenta tirar conclusões. A narrativa oscila da exterioridade da cena ao fluxo de consciência de Lucas, que tenta apreender a realidade do universo das pessoas adultas:

... a mãe não tinha dito tudo tem um fim e o meu amor pelo teu pai chegou ao fim, não tinha? tinha! então era assim? dizia uma coisa num dia, desdizia no outro? então ela não tinha dito pro pai dessa vez eu não perdôo mais você? tinha! e agora não estava ali abraçando e beijando ele? e ele? será que um dia ele ia gostar de gostar de novo do pai? O olho voltou pra dentro do carro: o Pai e a Mãe estavam se beijando outra vez (*Seis vezes Lucas*, p. 105).

Lygia Bojunga Nunes inova na criação literária para crianças, não apenas ao abordar uma temática em que o leitor criança se sente envolvido, como também ao centralizar a história na criança, tornando a ação contemporânea do seu processo de descobrimento do mundo. Desse modo, o jovem leitor encontra um elo de ligação com o texto. A autora não bane o adulto de seus livros, apenas restringe o seu papel na narrativa.

Em grande parte dos textos da autora, cujos personagens principais são crianças às voltas com dilemas que afetam o núcleo familiar, percebe-se que estes se valem do elemento maravilhoso como forma de compreender a realidade a sua

volta e assim alcançam a emancipação de seus conflitos exteriores e interiores.

No que se refere ao binômio criança/escola, Lygia mostra que há instituições de ensino que privam seus alunos, exigindo-lhes uma atitude passiva diante dos professores e, conseqüentemente, diante da vida. Contudo, a autora aponta possibilidades nas quais a escola valoriza e até estimula o crescimento intelectual e afetivo de seus alunos.

Destacam-se como livros nos quais Lygia Bojunga Nunes aborda esse binômio *Corda bamba*, *A casa da madrinha*, *O sofá estampado* e *Tchau*.

Segundo Laura Sandroni, a hegemonia do adulto sobre a criança se dá com mais ênfase na escola, pois é, geralmente, nela que é demarcada a linha fronteira entre a superioridade do professor, detentor do saber/poder, e a do aluno, receptor de conhecimentos prontos e estáticos.

Lygia ilustra essa situação em *Corda bamba*, ao mostrar a relação entre Maria e sua professora particular. A índole dominadora do mundo adulto, é aqui centrada no ensino abstrato que interfere na comunicação entre professora e aluna.

O cão de guarda, metonímia da mestra, corporifica o papel autoritário do ensino. Ao ameaçar a menina a cada instante, desvia sua atenção entre não se deixar morder e agradar à professora através de uma resposta correta ou de um comportamento conveniente. Essa atitude da menina é marcada pela construção de diálogo interior, que se desdobra na perspectiva interna e externa de Maria.

Lygia ironiza o papel do adulto autoritário no exercício de seu poder através das personagens Maria Cecília e a professora de Maria, esta última guardiã de um saber desumanizado e nada democrático, pois não permite que a aluna tenha acesso a ele.

Essa postura crítica da autora com relação ao sistema escolar é observada em *A Casa da madrinha*. A Escola Osarta (atraso) do Pensamento representa a instituição de ensino autoritária e repressora, na qual o Pavão é o aluno castrado e domesticado.

Por outro lado, nesse mesmo livro, no capítulo intitulado "A professora e a maleta", há a sugestão de uma escola ideal, onde a maleta da professora representa o livro didático ideal, e os seus pacotes coloridos, as verdadeiras lições que o mestre deveria ensinar. Nesse capítulo é

demonstrado ainda que a imaginação e a criatividade podem despertar o interesse e a adesão da criança ao que é ensinado.

O ensino, então, é diferente do ensino abstrato de *Corda bamba*, pois parte de assuntos vivenciados no cotidiano infantil e estes conhecimentos são importantes para o reconhecimento da criança no ambiente em que vive.

Em *O Sofá estampado*, a Vó de Vítor, arqueóloga conceituada e aberta a todo tipo de informação e conhecimento, é a representação do saber aberto ao próximo, mesmo que este não esteja pronto para essa integração.

No conto "O bife e a pipoca", de *Tchau*, a valorização da escola e do ato de ensinar é visto como a descoberta de uma possível vocação.

Nos textos anteriormente citados, podemos perceber que através das personagens crianças, a autora tematiza a condição infantil diante do relacionamento que estes mantêm com os adultos, sejam pais ou professores.

Ao abordar o relacionamento entre a criança e o universo adulto presentificados no texto narrativo, Lygia põe à prova as concepções adultas de que são confeccionadas o relato, assim como propõe ao leitor a discussão da validade das mesmas.

Segundo Regina Zilberman,

a escola assume um duplo papel - o de introduzir a criança na vida adulta e o de protegê-la contra as agressões do mundo exterior - ela se identifica com as contradições antes expostas, refletindo-as de modo visível. Em primeiro lugar, acentua a divisão entre o indivíduo e a sociedade, ao retirar o aluno da família e da coletividade, encerrando-o numa sala de aula em que tudo contraria a experiência que até então tivera. Ao invés de uma hierarquia social, vive uma comunidade em que todos são iguais na impotência: perante a autoridade do mestre e, mais adiante, da própria instituição educacional, todos estão despojados de qualquer poder².

Ao acentuar a dependência e a fragilidade próprias de infância, a escola participa do processo de manipulação da criança, conduzindo-a à aceitação passiva de normas estabelecidas pelos adultos. Quanto à literatura infantil, se ela transmite um ensinamento sob a ótica adulta, ou se nas histórias atua um narrador que censura a ação de seus personagens infantis, ou mais ainda, se veicula conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais coercivos, ela torna-se tão degradante

quanto o modelo de ensino que requer um aluno servil e obediente.

No entanto, se a escola e a literatura, enquanto instituições, seguem uma perspectiva de trabalho comprometida com a desenvolvimento psicossocial da criança, ambos podem se tornar um espaço para a criança refletir sobre sua condição pessoal.

A literatura verdadeiramente inovadora é aquela que ultrapassa a função didático-moralizante, para revelar uma visão mais clara da realidade na qual o leitor já estava inserido, sem no entanto conhecê-la.

A literatura, ao cumprir o seu papel social, colabora para a formação da sociedade, pois emancipa o homem dos laços naturais, religiosos e sociais que o impedem de se aprimorar.

O texto literário prospectivo amplia os horizontes de expectativas do leitor possibilitando a este modificar a sua percepção de mundo. É nesse contexto que se inserem os livros de Lygia Bojunga Nunes.

No que se refere à participação da criança em textos de abordagens sociais, sabe-se que durante muito tempo a literatura para crianças evitou abordar temas que enfocassem “o ‘lado podre’ da sociedade, seja em termos sociais (ausência de temas relacionados ao sexo, às diferenças raciais ou conflitos de classe) ou existenciais, faltando a representação de determinados problemas familiares, como a falta de dinheiro do país, a morte, os tóxicos”³ e mais ainda aqueles ligados à violência urbana que diariamente se insere na realidade das crianças e dos jovens através dos meios de comunicação de massa.

O aspecto temático de cunho verista tem na literatura infantil e juvenil uma tendência de vanguarda (às vezes controversa) porque rompe com os padrões tradicionais relativos às produções literárias para esse público leitor.

Sonia Salomão Khéde, postula que “a modernidade foi responsável pela fragmentação do indivíduo agora não mais percebido como um ser global e pleno. Esse fato não é apenas especificamente da literatura por se prender a todo um questionamento da metafísica ocidental, da psicologia do indivíduo na sociedade de classes, e da voragem consumista que substitui cada vez mais o original por sua cópia, numa crescente perda do referente, e dos valores essenciais”⁴.

A sociedade moderna vive uma forte crise de representação em todos os níveis da atividade

humana. Na literatura infantil e juvenil, essa crise de representação se manifesta a partir da crise de identidade do personagem e de sua busca constante por um novo papel social.

Os livros de Lygia Bojunga abordam temas que revelam sua preocupação com o homem moderno nos diversos núcleos e dilemas sociais de que participa: as relações familiares, as desigualdades sociais, a discriminação à mulher, ao pobre e à criança.

A problemática social em seus textos é voltada para a perspectiva filosófica do “ser-no-mundo”, em que o homem questiona a sua existência no mundo em que vive. Os problemas sociais enfocados em seus livros tornam-se ainda mais relevantes porque, via de regra, são responsáveis por desajustes de ordem psíquica e afetiva dos personagens. Desse modo, o social, ao atingir o particular, chega ao indivíduo e, por extensão, à formação de sua personalidade, à adaptação ao seu meio ambiente e, finalmente, à consolidação de sua interioridade.

A sociedade moderna é criticada por Lygia Bojunga através de uma postura contra o modelo de vida calcado no consumismo, na alienação e na espoliação dos menos favorecidos.

O sofã estampado é um livro no qual são criticadas várias mazelas da sociedade contemporânea:

* *Dalva* é a representação do ser alienado, que sobrevive através de uma realidade propagada pelos meios de comunicação de massa que dita as regras de comportamento social.

* *A dona-da-casa* representa uma versão diferenciada da mulher, propalada pela literatura tradicional que a santifica e a idealiza. No narrativo, ela é fútil, preocupada com a combinação dos móveis da casa.

* *Popô e Dr. Ipo* representam pessoas que se pautam pelo lema: “*time is money*”. São apressadas; os negócios a serem realizados e o ganho advindo a partir deles representam os fatos mais relevantes para eles.

A sociedade contemporânea apresenta um sistema econômico que discrimina aqueles que não detêm recursos financeiros. Em *Angélica*, Porto procurou um emprego para prover as suas necessidades básicas. Ele desejou, a princípio, trabalhar como médico, engenheiro ou artista. A medicina e a engenharia ele não pôde exercer porque lhe faltava o diploma; e ser artista é exercer uma atividade desvalorizada no mundo atual.

A sociedade moderna cobra do indivíduo determinadas posições diante da vida, só que essa mesma sociedade não dá subsídios para que esse indivíduo se desenvolva.

Lygia tece essa crítica através de fino humor. Como Porto não tem diploma, por não ter tido acesso à escola, arranja trabalho de anunciante:

No mesmo livro, Canarinho, um elefante velho, não consegue emprego fixo, vive de biscates. Ele é discriminado por ser idoso, dilema que a sociedade cria e não parece disposta a resolver.

Alexandre, de *A casa da madrinha*, é obrigado a desistir da escola, pois precisa trabalhar para ajudar no sustento de sua família. Para essa personagem, o estudo representa uma forma de ascensão social e intelectual.

As desigualdades sociais são também tematizadas em “O bife e a pipoca”, conto que descreve com realismo o cotidiano de uma favela carioca através da perspectiva de Rodrigo, menino de classe média, amigo de Tuca, morador da favela.

Como em todos os seus livros, Lygia Bojunga não apenas critica como também aponta possibilidades diversas de mobilizar a sociedade num rumo positivo. Para a autora, é através da socialização do homem com seus semelhantes que se poderá mudar uma situação, e ela explicita isso através do trabalho de criação coletiva que permite a realização de cada elemento de uma dada comunidade. Em *Os colegas* e *Angélica*, é por meio do trabalho coletivo que os personagens conseguem a emancipação individual. Em ambos

os livros, a arte ao mesmo tempo que encanta (o teatro em *Angélica* e a arte circense, em *Os colegas*) é também denunciadora e redentora.

O artista (o escritor, em particular) ao criticar, reinventa o mundo permitindo aos leitores uma visão de mundo mais ampla e profunda.

Reiterando o que já foi dito anteriormente, os textos de Lygia Bojunga expõem os males que afligem a sociedade brasileira, convertendo o que antes era apenas um tema em evento narrativo, em histórias.

Suas personagens, ao romperem os limites impostos pela sociedade repressora, propiciam o despertar do leitor, fazendo com que a criança colabore no desempenho do papel transformador da sociedade de que faz parte, seja ela a família, a escola ou a sociedade como um todo.

Notas

Este artigo está baseado num capítulo da dissertação de mestrado *O caráter emancipatório das obras de Lygia Bojunga Nunes*, orientada pela prof^a Margarida de Aguiar Patriota e aprovada em 1999.

¹ ZILBERMAN, Regina e Ligia Cadermatoru MAGALHÃES - *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982, p. 148.

² ZILBERMAN, Regina - *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1987, p. 18.

³ Id., p. 80.

⁴ KHÊDE, Sonia Salomão - *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1986, p. 15.